

ZOLA

Há cinquenta anos, no dia 29 de setembro, morria em Paris, asfixiado acidentalmente por gás carbônico, um homem barbudo de 52 anos chamado Emile Zola.

Eu gostaria de reler agora alguns de seus romances que me impressionaram fortemente, todos da série dos Rougon-Macquart e que deram uma extraordinária impressão de força e de verdade ao rapazinho que se deleitava mais facilmente com Anatole France ou com Machado. Ainda me lembro das tardes que às vezes eu passava na Biblioteca Municipal do Rio, empolgado pela "Besta Humana", "Nana" ou o "Germinal"; às vezes parava um pouco, para respirar, tão grande era a impressão bruta de vida que me vinha daquelas páginas; fazia uma pausa para reler um trecho — e lá de fora, da Avenida, me vinha o ruído dos veículos como se viesse de um mundo remoto. Nem sei se ainda existe essa pequena biblioteca, que ficava na rua Almirante Barroso; tenho uma lembrança de árvores vistas da janela, de um sol oblíquo, do ruído da rua e da silenciosa amação que me agitava ao ler aquelas coisas, tão grande que tinha a vontade absurda de chamar outro consulente, mostrar-lhe um trecho, pedir que ele vibrasse também comigo.

Não sei se os rapazinhos de hoje ainda lêem Zola; desconfio que eles são mais refinados e talvez achassem de mau gosto o que eu aos dezesseis anos achava sublime de força e de vida. Talvez comecem por Proust, ou Sartre; Deus sabe aonde acabarão. Mas pensar em Zola, no seu naturalismo, na sua crueza e na sua paixão pelo progresso e pela justiça — e principalmente na sua força humana, na generosa campanha que foram sua arte e sua vida, no desenho rude, mas profundo, de seus tipos — isso me emociona agora, neste cinquentenário de sua morte.

"Ele foi um momento da consciência humana" — disse Anatole no conhecido discurso à beira de seu túmulo. Consciência — e também sentimento para viver e fazer viver a paixão dos homens.

Ele está fora de moda, a não ser para os comunistas que o exploram com abundância, sem que sequer lhes ocorra um instante que o insopitável sentimento de justiça o fêz erguer a voz no processo Dreyfus, ele não o poderia nunca abafar no peito diante desses inúmeros processos tenebrosos em que os acusados pelo Estado se acusam e se humilham como estranhos farrapos humanos.

Zola não é herança de nenhum partido. É uma voz que perdura contra a miséria social e pela liberdade do homem. R. B.

3/10/52